

SOU O TEU PAPÃO

UM CONTO DO CONDADO DE SARDIS

T. M. BILDERBACK

TRADUZIDO POR
SUSANA FRANCO



T. M. Bilderback
Sou O Teu Papão

«Tektime S.r.l.s.»

Bilderback T.

Sou O Teu Papão / T. Bilderback — «Tektime S.r.l.s.»,

Alguém... ou alguma coisa... está a matar pessoas no Condado de Sardis. Alguém... ou alguma coisa... está a matar pessoas no Condado de Sardis. O xerife Billy Napier e o delegado Alan Blake estão a tentar ao máximo encontrar o assassino antes que alguém seja vítima do "Maníaco de Sardis". O problema em encontrar o assassino? Nenhuma pista é deixada para a equipa forense encontrar. Katie Montgomery Blake e a sua tia, Margo Sardis, estão a tentar ajudar, mas também de mãos vazias. Carol Grace Montgomery e Mary Smalls também fizeram uma descoberta... e essa descoberta reforça a magia no Condado de Sardis! E alguns recém-chegados ao Condado de Sardis oferecem a sua ajuda para encontrar o assassino, mas eles têm um segredo. Terá o segredo a ver com o pai dos filhos de Phoebe Smalls Napier? Ou tratasse apenas de mais magia? Descubra no quarto suspense de Sardis County de T. M. Bilderback - Sou o teu papão - Um Conto de Sardis County!

© Bilderback T.

© Tektime S.r.l.s.

Содержание

Sumário	6
Capítulo 1	7
Capítulo 2	15
Конец ознакомительного фрагмента.	21

SOU O TEU PAPÃO
UM CONTO DO CONDADO DE SARDIS

Por

T. M. Bilderback

Traduzido Por

Susana Franco

Copyright © 2018 by T. M. Bilderback

Fotos da capa Copyright © Can Stock Photo / winnond

Design da capa por Christi L. Bilderback

Tradução de Susana Franco

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas reais é uma invenção da sua imaginação.

Todos os direitos reservados.

ÍNDICE

[Informação de copyright](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

Sobre o autor

Outros títulos do autor

Sumário

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

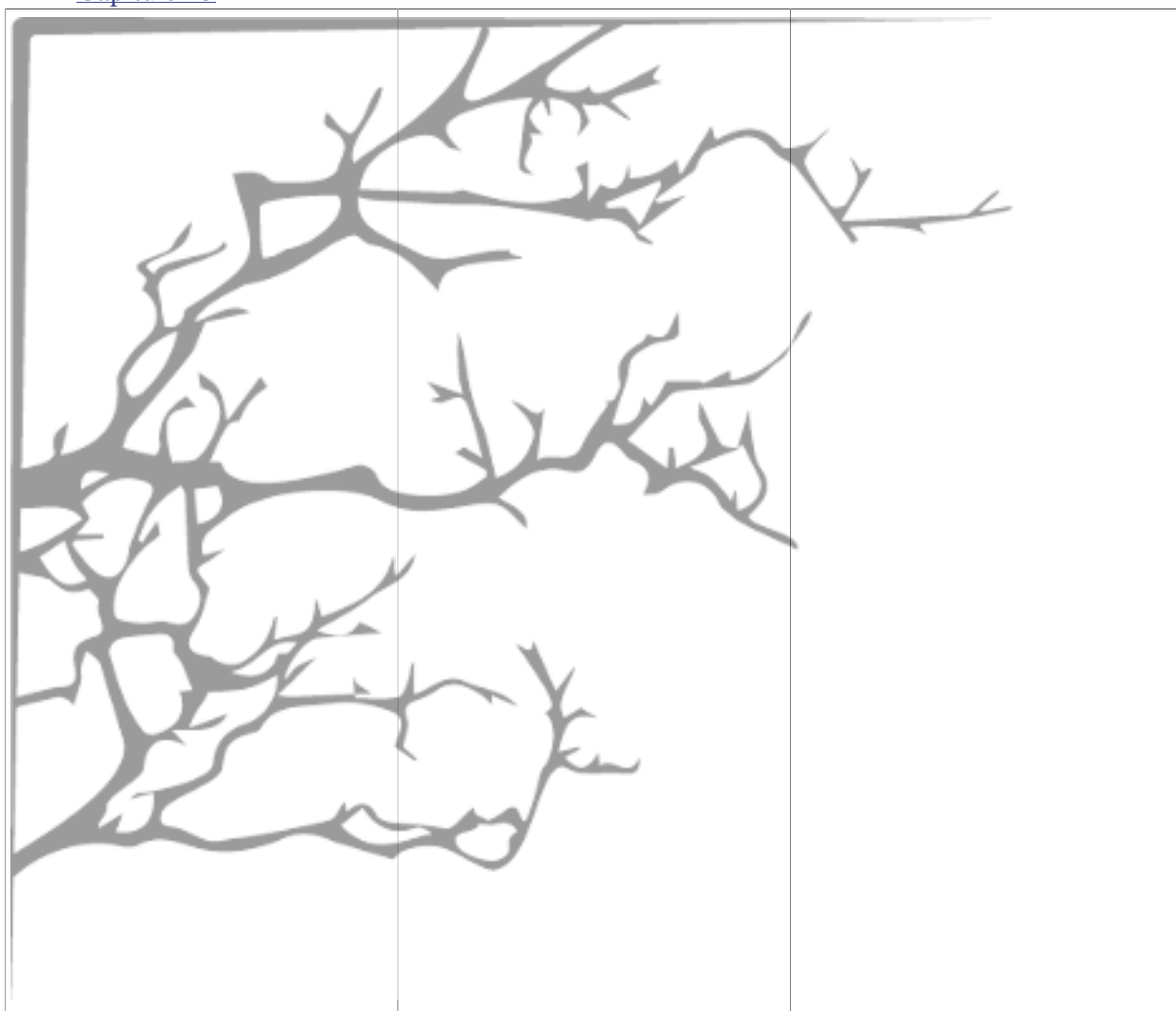
[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)



Capítulo 1

A mulher correu.

O corredor da escola era longo e cada passo ecoava alto enquanto ela corria. A sua respiração estava pesada e tensa.

Ela estava a correr há vários minutos e a escola era enorme.

A mulher precisava de um lugar para se esconder e rapidamente.

O laboratório de biologia estava logo à frente! Poderia esconder-se lá!

A mulher abriu a porta do laboratório, entrou e silenciosamente fechou a porta. Ela olhou ao redor do laboratório, mas não havia armários onde se pudesse esconder. Havia algumas mesas de laboratório, projetadas para dois alunos trabalharem juntos. Ela escondeu-se atrás da mais distante, em frente a um armário de armazenamento duplo.

À medida que a respiração da mulher diminuía gradualmente, o seu batimento cardíaco diminuía ao ritmo normal. Ela escutou atentamente, mas não ouviu nada. Nenhum passo traiu o perseguidor... nenhuma respiração revelou uma posição.

A mulher ouvira falar do Maníaco de Sardis da mesma forma que ouvira falar sobre tudo neste lugar rural... através de boatos e sussurros. Coisas como: "A minha prima ouviu pela sogra dela..." ou "Alguém no Mackie's estava a dizer isso..." Coisas sem fundamento.

Ou era o que ela pensava.

Agora ela já sabia.

Perdi-o! Ela pensou.

A porta esquerda do armário abriu-se e o perseguidor saltou. Ele agarrou-a pelos cabelos e depois puxou-a para os seus pés. Depois o perseguidor puxou-lhe os cabelos para que o seu rosto estivesse a olhar para cima, olhos nos olhos. O batimento cardíaco dela parecia querer explodir no seu peito e o seu medo era uma coisa viva.

Com uma voz gutural e grave, o perseguidor disse: "Eu sou o teu bicho-papão, querida, e tu vais excitar-me!"

Então o Maníaco foi trabalhar.



O XERIFE DO CONDADO de Sardis, William "Billy" Napier, entrou no estacionamento do Colégio Comunitário Nathaniel Sardis. Vários policiais da cidade de Perry, o médico legista do condado e duas ambulâncias com paramédicos já haviam chegado. Tudo o que ele tinha que fazer era seguir as luzes vermelhas e azuis para encontrar a cena do crime.

No Condado de Sardis (Onde VOCÊ faz a magia!), a sede do condado é Perry. Das três “cidades” oficiais do condado de Sardis, Perry era a única que possuía uma força policial. Mas, por decreto dos comissários do condado, o xerife estava encarregado de toda a aplicação da lei dentro do condado, incluindo a cidade de Perry. Billy estava contente por permitir que o Departamento da Polícia de Perry lidasse com a maioria das coisas dentro dos limites da cidade, mas um homicídio era demasiado para o chefe da polícia alcoólatra, Godfrey Malcolm.

Godfrey Malcolm era um pateta ineficiente e bêbado. Emitia ordens conflitantes muitas das vezes e depois não se lembrava das ordens que havia dado. Costumava dizer aos presos da cidade que o chamassem de "Deus", o que seria bastante pretensioso, mas ele tinha um ego grande o suficiente para caber no apelido. Malcolm ficou irritado por ter que responder a Napier. Napier era um polícia honesto e tratava todos com justiça, inclusive os prisioneiros. Malcom, pelo contrário, costumava estender a mão para qualquer dinheiro perdido que os criminosos pudessem ter, e muitas vezes pegava qualquer dinheiro que os presos da cidade pudessem ter nas suas carteiras, bolsos ou bolsas; depois desafiava-os a dizer qualquer coisa. Havia rumores de espancamentos noturnos de presos, mas nenhum deles jamais havia apresentado queixa ou admitido que Malcolm tinha alguma coisa a ver com isso.

Alguns até disseram... a Billy. Mas, como a natureza do dinheiro é passageira, Billy nunca conseguiu encontrar outra evidência além da palavra da pessoa que apresentou a denúncia. Qualquer pedra que estivesse sobre o local em que Malcolm enterrara o seu tesouro roubado ainda não se revelara ao mundo, mas Billy era um homem paciente. E como a cidade de Perry havia contratado Malcolm, Billy não podia despedir o homem, e isso irritou-o. Eram poucas as coisas que ele odiava mais do que um polícia desonesto, bruto e bêbado.

Billy não viu o carro de Malcolm estacionado no campus. Provavelmente devia estar a dormir em algum lugar.

Billy saiu do carro e ajustou o coldre. Fechou a porta e trancou-a. Todo o cuidado é pouco. Os condenados estão por todo o lado.

Billy caminhou até à porta da entrada. Dois polícias da cidade estavam a vigiar a porta.

"Bom dia, rapazes," disse o xerife, enquanto acenava para eles.

"Bom dia, xerife," disseram os dois policiais, quase em uníssono.

Um dos polícias abriu a porta para Billy.

"Obrigado," disse o xerife, enquanto entrava no prédio.

Enquanto Billy caminhava pelo longo corredor, notou como os seus passos soavam vazios. Ao aproximar-se da cena, o som das vozes dominou o som dos seus passos. Havia mais dois polícias de guarda do lado de fora do laboratório de biologia.

"Bom dia, xerife," disse um polícia. O outro cumprimentou com um aceno de cabeça.

"Bom dia," respondeu Billy. Ele parou bem antes da porta. "É mau?"

O polícia que tinha falado assentiu com a cabeça. "É. Outro esquartejamento do Maníaco de Sardis.

"Ei, já chega! Não quero que a imprensa descubra algum apelido, principalmente se for da polícia! Entenderam rapazes?"

O polícia silencioso assentiu e o outro disse timidamente: "Sim, xerife."

"Obrigada." Billy passou pela porta do laboratório de biologia.

A cena que o recebeu foi grotesca, mas com uma espécie de ordem. A vítima tinha sido empalada numa série de cabides que estavam montados numa parede, provavelmente pelo assassino. As suas mãos estavam estendidas e também empaladas nos ganchos do casaco, e os seus pés haviam sido empalados na parede de tijolos com um pitão de escalada. Os pés da vítima estavam descalços e haviam sido empalados um em cima do outro, de modo a que se assemelhasse a uma crucificação. A cabeça da vítima estava presa à parede com fita adesiva. Os espinhos foram colados ou presos à fita adesiva, melhorando ainda mais a imagem da crucificação. A sua garganta foi cortada, e isso

foi feito obviamente do outro lado da sala, ao lado de um armário com portas duplas, embora a quantidade de sangue à frente das portas não fosse muito. Parecia que uma vez que a vítima tinha sido empalada nos ganchos do casaco, o seu estômago e cavidade no peito tinham sido cortados. Os seus órgãos internos foram dispostos num padrão circular no chão. O seu intestino havia sido moldado para formar um coração que envolvia os seus órgãos. Escritas acima da sua cabeça, na parede nua, estavam as palavras: "Eu sou o teu papão." As palavras com erros ortográficos e péssima gramática foram escritas com o que parecia ser o sangue da vítima. A perda de sangue da vítima foi tão grave que o seu corpo parecia um cinza fantasmagórico. O coração, no entanto, estava em falta.

O fotógrafo que trabalhou para o médico legista do Condado de Sardis, Ted Baker, também trabalhou como fotógrafo para a equipa do Sentinela do Condado de Sardis. Há muito tempo, Billy o advertira sobre a dupla função.

"Teddy, se estiveres a fazer os dois trabalhos, terás que aprender a ficar calado de vez em quando. Só porque tiras fotografias da polícia e do jornal do condado não significa que tenhas exclusividades. Na maioria das vezes, não haverá problemas. Mas, de vez em quando, estarás a par de informações que não serão destinadas ao público em geral... até que eu diga. Combinado?"

"Combinado," respondeu Ted. Ted manteve silenciosamente para si a intenção de que quebraria esse acordo, se isso significasse que poderia continuar a sua carreira jornalística.

Ted estava agora a tirar as fotografias da cena do crime. O médico legista, Kenneth Pirtle, estava a instruir Baker sobre quais ângulos queria. A equipa forense aguardava a aprovação de Pirtle, mas Billy não confiava muito neles. Este foi o terceiro homicídio atribuído ao Maníaco e o xerife ainda não tinha nada para prosseguir. Nos três homicídios, cada uma das vítimas havia sido exibida da mesma maneira, com os órgãos no centro de um coração feitos a partir do intestino da vítima. A maior parte do sangue de cada vítima havia sido drenada quase por completo e o coração de cada vítima havia desaparecido.

E, nos três homicídios, as mesmas palavras incorretas, escritas na parede com o sangue da vítima.

Billy perguntou-se se o erro de ortografia era intencional.

Billy chamou Pirtle. "Ei, Kenny!"

Pirtle reconheceu o xerife com um aceno ao dizer ao fotógrafo os ângulos finais que queria para as fotos da cena do crime. Quando acabou de explicar, Pirtle aproximou-se de Billy.

"É muito triste, Billy," disse Pirtle.

"Suponho que ainda não tens nada para mim?"

"Claro, Billy, temos uma grande sacola cheia de patavina para ti. Sem DNA, sem cabelo, sem pele sob as unhas da vítima, sem nada. Talvez o laboratório invente alguma coisa, mas se for como os dois últimos..." Pirtle deu de ombros.

Billy balançou a cabeça, com os lábios pressionados. "Kenny, tens que encontrar algo para eu usar. As notícias circularão e as pessoas começarão a querer a minha cabeça se eu não descobrir quem anda a fazer isto."

"Achas que não sei disso? Não tem havido nada a nível forense para te darmos, absolutamente nada. Eu já tive o pessoal do laboratório estadual aqui e ainda não tive sorte." Ele balançou a cabeça em desgosto. "É quase como se o assassino fosse um fantasma, ou algo assim."

Billy manteve-se calado. Ele sabia muito bem que poderia ser algo mágico ou sobrenatural, mas estava a manter as suas opções em aberto. E a boca calada.

Billy tinha visto em primeira mão o que acontece quando a magia se envolve, e nem sempre era bonito de se ver. A sua enteada, Mary, e a sua melhor amiga, a enteada de Alan, Carol Grace, tinham algum tipo de poder místico sobre elas, e Alan casara com Katie Ballantine Montgomery. Katie era descendente da família Sardis e era uma bruxa. A sua tia-avó, Margo Sardis, era uma bruxa igualmente forte. Katie havia dito a Alan que Margo havia vendido um feitiço de convocação ao velho Ricky Jackson, e esse feitiço havia chamado um Cão do Inferno. O pentagrama que continha o

Cão do Inferno foi acidentalmente quebrado e o Cão soltou-se ... deixando uma porta aberta para o inferno. De acordo com o que Margo havia passado para Katie, muitos moradores do Inferno haviam passado por aquela porta e moravam agora no Condado de Sardis.

Ninguém vira o velho Ricky Jackson desde então.

Billy tinha visto Mary e Carol Grace unirem os seus poderes contra os gangsters da família criminosa Giambini quando invadiram a fazenda de Junior Ballantine, e ele ficou surpreso que essas coisas existissem neste mundo... e que ninguém sabia disso.

Ninguém em quem se acreditasse.

Mas, Billy acreditava. Ele acreditou a valer. Precisava acreditar, já que vivia com isso.

Phoebe insistiu que Mary seguiria os ensinamentos de Margo Sardis sobre como controlar a magia que residia dentro da sua enteada e dentro de Carol Grace Montgomery, e Bill não podia discordar. Mary precisava saber como esconder a magia dentro dela.

Agora, parecia que ele talvez estivesse a viver com a magia novamente... desta vez, no seu trabalho.

E não era coisa boa. Não desta vez. As pessoas estavam a morrer. Pessoas honestas que não mereciam este tipo de morte.

Quando os seus pensamentos saltaram de uma coisa para a outra, Billy percebeu que estava na hora de ligar para Alan e pedir que interviesse. Ele era necessário.



“CAROL Grace! Vais perder o autocarro, minha menina!”

“Sim, mãe!”

"Desce, minha menina!"

Alan sentou-se à mesa da cozinha e sorriu diante da frustração da sua nova esposa.

"Tão certo quanto o meu nome é Katie Blake, eu vou castigar esta miúda se tivermos que levá-la para a escola mais uma vez este mês!"

“Katie Blake. Gosto do som desse nome.” Alan sorriu. "Onde o arranjaste, Katie?"

Katie sorriu enquanto olhava para o marido. “Um polícia deu-me. Disse que não estava a ser usado corretamente e queria ver se eu poderia tratar disso.” Ela sentou-se no seu lado da mesa.

"Hmmm ... e estás a tratar bem disso?"

Katie sorriu. "Ainda não tive nenhuma reclamação."

Alan inclinou-se para o rosto de Katie. “Nem uma que seja.” Ele começou a beijá-la. Assim que as línguas se tocaram, ele podia sentir um leve toque do pedacinho de bacon que Katie havia mastigado enquanto cozinhava, e ele podia sentir o sabor de menta da pasta de dentes. Principalmente, ele provou Katie, e eles perderam a noção do tempo.

“Oh, meu Deus, querem parar de se beijar na cozinha? É tão nojento!”

Alan afastou-se e olhou nos olhos de Katie novamente.

"Bem, talvez um..." Ele olhou para Carol Grace.

O pai de Carol Grace, Mark Montgomery, morreu há vários anos de um aneurisma cerebral. Ele havia deixado algum dinheiro do seguro e o interesse desse dinheiro ajudara Katie a cuidar de Carol Grace. Mas, quando a empresa de Katie a demitiu, a sua mente voltou-se para a fazenda deixada para ela pela sua avó, ou avô, Nebbie Ballantine. O seu avô chamava-se Arthur "Júnior" Ballantine, e a fazenda recebeu o nome dele. Ela tinha tomado conta da fazenda Júnior todos estes anos e pagava todos os impostos. Era dela sem quaisquer encargos. Então, quando a demissão aconteceu, Katie empacotou-se a si mesma e a Carol Grace e voltou para o Condado de Sardis.

Após a mudança, Alan Blake, antigo defensor da escola de Katie, também se mudou de volta para o Condado de Sardis. No entanto, o seu caso era "obrigatório"... ele era polícia na cidade e prendera o homem encarregado dos jogos ilegais de póquer da família criminosa Giambini, Moses Turley, e os seus homens, por tentativa de homicídio dele e de outro polícia. Mickey Giambini não queria ligações para ir a julgamento, então enviou Turley e os seus homens para encontrar os dois polícias e eliminá-los. Os homens de Giambini encontraram o parceiro de Alan, James Winstead, e mataram-no... mas não antes que o homem dissesse aos criminosos que Alan poderia ser encontrado no condado de Sardis.

O velho amigo de Alan, o xerife Billy Napier, também participara da equipa de futebol da Escola Secundária de Perry e convencera Katie a dar a Alan um lugar para se esconder em troca de trabalho agrícola.

Enquanto isso, Katie conhecera a velha bruxa, Margo Sardis. Margo disse que Katie e Carol Grace eram descendentes da família Sardis e que elas mantinham a magia dentro delas. Katie começou a aprender a usar a sua magia.

Carol Grace também estava a mostrar sinais de os seus poderes mágicos estarem a crescer, mas os poderes se multiplicaram quando ela estava perto da sua melhor amiga e colega de escola, Mary Smalls. Mary aparentemente também tinha magia dentro dela... mas ninguém sabia de onde vinha. A sua mãe, Phoebe Smalls, velha amiga da escola de Katie, não tinha magia própria..., mas ninguém, incluindo Phoebe, tinha alguma ideia de quem poderia ser o pai de Mary. Phoebe era uma alcoólatra em recuperação.

Katie e Alan apaixonaram-se profundamente e, juntos, reacenderam o amor de Billy Napier e Phoebe Smalls.

Durante uma reunião das duas famílias, Moses Turley tinha levado a casa da fazenda por um túnel que passava por baixo da extensão da fazenda. Carol Grace e Mary chegaram mesmo a tempo de impedir que os criminosos de Giambini matassem Alan e todos os outros. Elas apertaram as mãos instintivamente e pareciam ser dominadas por algum poder sobrenatural. Elas usaram magia mental para expulsar os homens maus da casa. Os demónios estavam à espera do lado de fora para devorar os quatro criminosos, e a terra se abriu e engoliu o carro dos criminosos. Depois disso, as duas meninas caíram no chão, inconscientes ou profundamente adormecidas.

No dia seguinte, houve um casamento duplo. O xerife Napier e Phoebe Smalls haviam se casado, assim como Katie e Alan.

Desde então, a velha Margo Sardis ensinava cada vez mais Katie sobre a sua magia, e também ensinava as duas meninas. Margo era muito cautelosa com as duas miúdas, e não falava muito com Katie sobre elas... mas Katie podia dizer que algo sobre elas estava a perturbar Margo. Katie pensou em perguntar à sua velha tia, mas percebeu que Margo contar-lhe-ia quando estivesse pronta... e não antes.

Alan já havia entrado em contacto com um advogado em Perry sobre a adoção de Carol Grace. Katie tinha dado a sua bênção, Carol Grace amava muito Alan, e Alan amava Carol Grace. Parecia a coisa certa a fazer.

A audiência de adoção seria no final do mês, a apenas uma semana de distância.

Katie virou-se para a filha. "Onde fica o lugar para namorar 'aprovado pela Carol Grace'? O Alan e eu iremos lá, se isso te fizer feliz."

"Ewww!" Carol Grace colocou os ovos mexidos no prato e cobriu-os com um pouco de manteiga e pimenta. Ela pegou num pedaço de torrada e em duas fatias de bacon. "Talvez perto do chiqueiro?" Ela deu uma risada.

"Não me parece." Alan torceu o nariz. "Cheira quase tão mal quanto o cheiro do armário da Carol Grace." Ele fingiu vomitar.

Little Bit, a Boston terrier que Billy Napier havia dado a Carol Grace, desceu as escadas e entrou na cozinha. Ela ladrou uma vez e Carol Grace atirou um pedaço de bacon para a cachorrinha.

Carol Grace devorou o pequeno-almoço e limpou a boca com o guardanapo. Ela pulou bruscamente e anunciou: "Tenho que despachar-me. O autocarro deve estar aí a chegar." Ela beijou a bochecha da mãe e o topo da cabeça de Alan. "Adeus! Amo-vos!" Da porta dos fundos, ela disse: "Tchau, Little Bit! Porta-te bem!"

Little Bit ladrou, como se estivesse a reconhecer a ordem.

A porta de tela na varanda dos fundos bateu com força e Alan estremeceu. "Tendo feito os seus pronunciamentos, o arauto real partiu."

Katie riu.

Alan tinha acabado de dar uma grande dentada nos ovos mexidos e nas torradas quando o telemóvel tocou. Olhou para o identificador de chamadas e disse: "É o Billy." Ele atendeu a chamada. "Oi, Bill! Espero que a Phoebe tenha preparado um pequeno-almoço tão bom quanto o que eu recebi da Katie!"

"Acho que não podia tomar o pequeno-almoço agora, Alan. Olha, eu preciso que intervenhas." Alan captou o tom sério na voz do seu amigo e imediatamente fez a conexão. "Outro?"

"Sim."

"Onde?"

"No colégio comunitário."

"Estarei lá em breve."

"Obrigado, velho amigo."

Alan desligou a chamada.

Katie adivinhou pela conversa que Alan tinha que ir. "É mais um daqueles homicídios?"

Alan encontrou os olhos da sua esposa. "Sim. Deve ser muito grave. O Billy parecia chateado."

Katie assentiu, mas sentiu um calafrio. "Tudo bem. Vai. Mas tem cuidado, Alan."

Alan começou a dar outra dentada nos ovos, mas mudou de ideias. "É melhor não. Se revirou o estômago do Bill, provavelmente também vai revirar o meu." Ele levantou-se para subir e vestir o uniforme. Quando se voltou da mesa, viu uma velha parada atrás dele. Ele pulou, assustado e disse: "Wow!"

Katie começou a rir. Muito.

Alan colocou a mão no peito. A outra mão estava no encosto da cadeira.

"Caramba, tia Margo, tinha que me surpreender assim?"

A velha Margo Sardis riu. A sua risada soou como uma gargalhada.

"Não te surpreendi, Alan. Acabei de entrar pela porta dos fundos. Não devo ter feito barulho suficiente."

Katie, ainda a rir, disse: "Ela fez Alan. Eu vi-a entrar."

Alan, balançando a cabeça para si mesmo e para o seu nervosismo, estendeu a mão e abraçou a velha bruxa.

"Bom dia para si também, tia Margo." Ele soltou-a. "Agora, se vocês duas, maravilhosas senhoras bruxas dão-me licença, eu tenho que ir ajudar o Billy a apanhar um assassino."

"Assassino?" Margo falou abruptamente. "Houve outro?"

Alan assentiu. "Sim, senhora."

Os olhos de Margo se estreitaram. "Tem cuidado, Alan Blake. Pode não ser um assassino humano."

Alan parou na porta que dava para a sala e para as escadas. "Sabe se isso é verdade, tia Margo?"

A mulher abanou a cabeça. "Não. Mas não saber não é por falta de tentativa de descobrir. Se eu descobrir alguma coisa, eu aviso-te imediatamente."

Alan assentiu. "Sim, por favor. Temos que parar com isto rapidamente." Ele começou a subir as escadas, parou e recostou-se na cozinha. "Margo?"

A velha olhou para ele.

"Faz alguma ideia de quantas criaturas do Inferno entraram pela porta aberta que nos contou?"

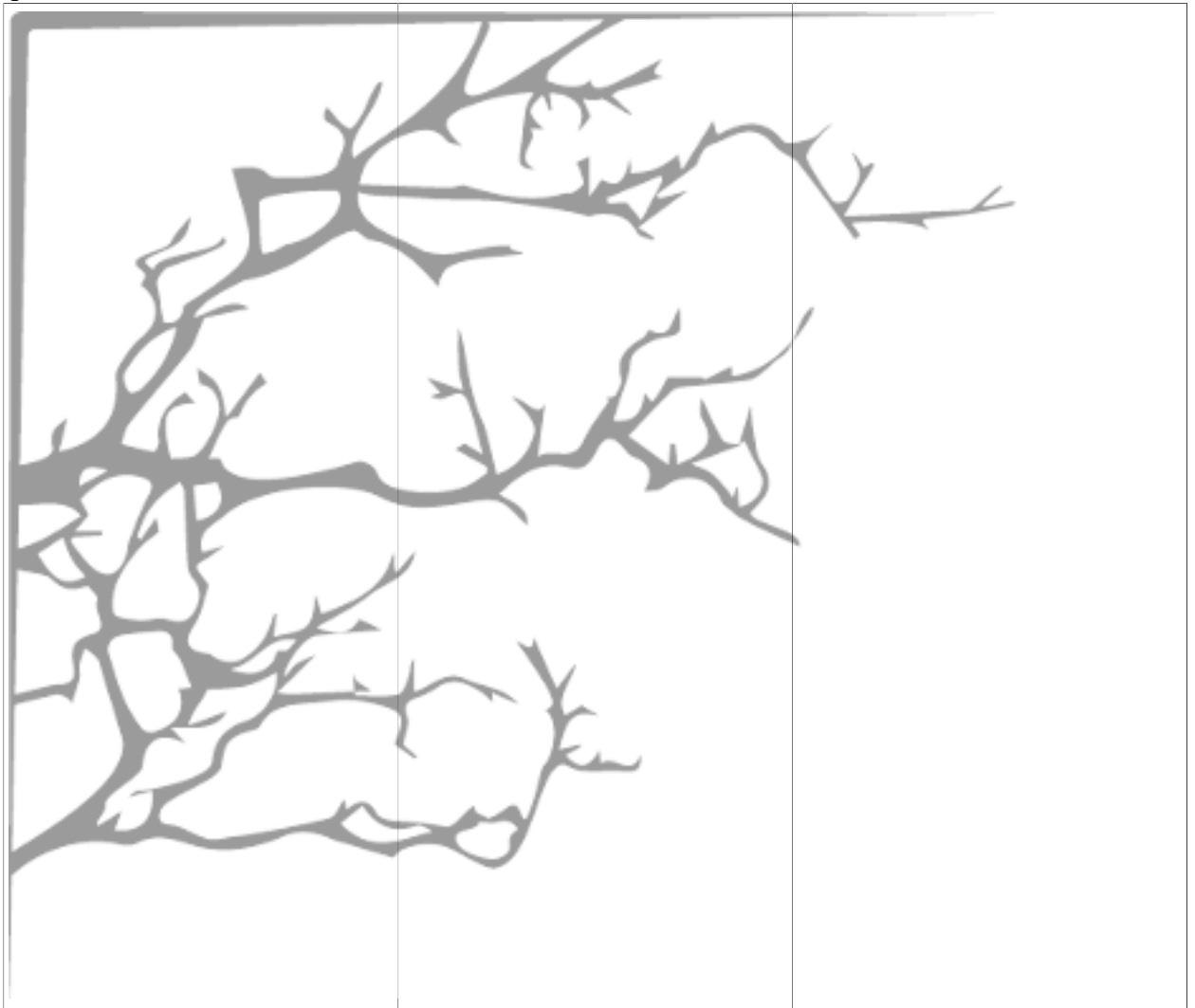
O rosto de Margo se suavizou e Alan pensou que podia ver uma pequena pitada de medo ali. Ela balançou a cabeça e disse: "Valha-me Deus, Alan, sei lá. Poderia ter sido algumas, ou centenas. Não sei mesmo."

Alan partilhou um olhar com Katie. Depois ele olhou de volta para Margo.

"Eu sentir-me-ia melhor se ficasse aqui connosco, tia Margo. É melhor do que estar sozinha na floresta, mesmo que a sua casa esteja camuflada com espelhos. Pelo menos, eu teria a ilusão de que estaria mais segura."

Margo abriu a boca para recusar educadamente a oferta, mas parou. Por fim, ela disse: "Vou pensar sobre isso, sobrinho, se a oferta for feita de coração."

Alan encontrou os olhos da velha. "É. Por favor, fique." Para ambas, ele disse: "Ok, eu tenho que ir."



Capítulo 2

Havia manhãs em que Phoebe Smalls Napier achava muito difícil manter as crianças em movimento para que pudesse levá-los todos em segurança para a rua a tempo do seu turno no Mackie's.

Quando Phoebe e Billy casaram, Billy tentou fazer com que Phoebe deixasse o emprego de operadora de caixa no Mackie's. Como xerife, Billy ganhava dinheiro suficiente para manter a família alimentada, vestida e abrigada. A sua atividade secundária de criar Boston terriers também trouxe um dinheiro extra... mais do que o suficiente para sustentar a família.

Phoebe recusou-se a deixar o emprego. Na verdade, ela explicou-o a Billy, para que ele não pensasse que se tratava de dinheiro.

“Bill, aquilo mantém-me sã e sóbria. Se não tivesse aquele trabalho, o que faria comigo mesma nos dias em que tu estás no trabalho e as crianças estão na escola? Eu teria todas essas horas para preencher... e um alcoólatra em recuperação não precisa de tempo para ficar sozinho com os seus pensamentos. Muitas vezes, é isso que os faz voltar a beber.” Ela abraçou o marido. “Então, em vez de deixar-me vulnerável à tentação, vou trabalhar no Mackie's. Isso vai manter-me com os pés no chão, e eu estou mesmo ali na cidade, se precisares de mim.”

Billy concordou de má vontade com ela.

Mas também conversou com Martin Mackie, o neto do fundador da loja, e pediu-lhe que ficasse com Phoebe sem ser aos fins de semana e apenas no turno do dia. Martin concordou e todos ficaram felizes.

A não ser que as coisas se tornassem uma competição total numa manhã de um dia de semana. Quando isso aconteceu, ninguém ficou contente.

“Pam! Sai desse telefone e ajuda-me com as miúdas!” Phoebe tentava fritar alguns ovos para Mary.

Pamela, a filha mais velha de Phoebe, estava no último ano da Secundária de Perry. O seu cabelo era castanho com madeixas loiras. Os seus olhos eram azuis, quase um azul glacial. Os seus lábios não eram carnudos, mas também não eram finos. Era uma jovem muito bonita de dezoito anos, e a semelhança entre Pamela e a sua irmã Mary era impressionante. Era quase como se Mary fosse uma mini Pamela. Muitas pessoas comentaram sobre isso.

Mary era a segunda mais velha aos treze anos.

Catherine, a terceira mais jovem, parecia Phoebe e as meninas mais velhas, mas havia diferenças nítidas na aparência que faziam com que parecesse que Catherine tinha um pai diferente. Ela tinha dez anos.

Derek, o mais novo aos oito anos, tinha uma ligeira semelhança com a sua mãe e com a sua irmã Catherine.

O homem que os dois filhos mais novos chamavam de 'Papá' era o namorado residente de Phoebe na época, um viciado em metanfetamina chamado John Clark. John estava num laboratório de metanfetaminas do outro lado da cidade e experimentou parte do produto que ele e o inútil do seu irmão tinham acabado de fabricar. Foi muito forte e os dois irmãos morreram quase instantaneamente de overdose.

Pelo menos foi assim que contaram. Billy não havia conduzido a investigação. Estava de férias na época e a morte estava sob a jurisdição da cidade. Isso significava que Godfrey Malcolm estava no comando.

Isso também significava que as mortes poderiam ter sido qualquer coisa.

As duas meninas mais velhas não sabiam quem eram os seus pais.

Nem Phoebe.

Quando os dois filhos mais velhos foram concebidos, Phoebe desmaiou de tanto beber... ou de tomar muitos 'ludes... ou algo assim. Ela não conseguia lembrar-se. E provavelmente não importava. Pam foi concebida durante o último ano de Phoebe no secundário. Apesar das diárias discussões acaloradas com a mãe, Phoebe venceu todas as discussões e ficou com o bebé.

Cinco anos depois, Mary foi concebida.

As duas concepções eram idênticas. Embora as meninas tivessem nascido com cinco anos de diferença, os seus aniversários eram de apenas alguns dias de diferença.

E Mary comandou a magia.

Quando Mary estava com Carol Grace Montgomery, Mary comandava uma magia poderosa .

Pam não comandava a magia. Pelo menos até onde Phoebe sabia.

Às vezes, quando pensava nisso muito profundamente, Phoebe percebia que as duas concepções eram tão parecidas, mas com apenas cinco anos de diferença... por vezes parecia que Mary era uma repetição. Uma criança rebobinada.

Mas, se isso fosse verdade, isso significaria que alguém... ou algo... violara Phoebe duas vezes para tentar produzir uma criança com um dom mágico.

Isso significava que Phoebe foi escolhida, por algum motivo, para ser o recipiente de uma filha da magia.

E isso a assustou até o âmagio.

Mas, esta manhã, o seu medo era duplo, e um deles era colocar as quatro crianças no autocarro escolar.

E o outro medo era o Maníaco de Sardis.

Billy não contara muito a Phoebe sobre os homicídios. Ela sabia que ele não queria preocupá-la.

As pessoas falam e a especulação corre solta nas pequenas cidades. E Phoebe trabalhava na Central da Bisbilhotice. A sua posição como caixa no Mackie's permitia que ela ouvisse todo o tipo de coisas.

Alguns diziam que o assassino era o velho Ricky Jackson, o homem que estava desaparecido há algum tempo e cuja casa havia pegado fogo. Outros diziam pensar ser Margo Sardis, o que Phoebe sabia que não era verdade. E alguns cochicharam que poderiam ser demónios e Phoebe pensou que isso poderia ser uma possibilidade.

Quem quer que fosse, ou o que quer que fosse o assassino, Phoebe estava com medo. Ela estava com medo pelos seus filhos, ela estava com medo de Billy e Alan e com medo de todos os que viviam no condado de Sardis.

"Mãe, tenho que trabalhar hoje à noite. Das cinco às nove." Pam trabalhava numa grande loja que não contava com ninguém no condado de Sardis como cliente. Ou melhor, qualquer pessoa do condado de Sardis. Os visitantes do concelho costumavam fazer compras ali, principalmente porque estavam habituados a comprar produtos em lojas cujos nomes terminavam com "Mart". Embora as grandes lojas descontassem em tudo, desde mantimentos a ferragens e pneus, muito mais barato do que os seus concorrentes locais, eles não conseguiam atrair os moradores para a loja. As pessoas que trabalhavam lá limpavam o pó e empurravam muito as coisas. Ninguém se importou de trabalhar lá - eles ficariam felizes em receber o dinheiro de graça - mas ninguém devolveu esse dinheiro.

"Vou dizer ao Billy para te ir buscar às nove," disse Phoebe, colocando os ovos de Mary num prato.

"Posso pedir ao Jeff para me trazer para casa."

"Vou-me sentir melhor se o Billy te for buscar, querida. Não estou a dizer nada de mal sobre o Jeff, mas até o Billy apanhar este assassino, quero que esperes por ele." Phoebe olhou para a sua filha mais velha. "Faz a vontade a uma velhota, ok?"

Pam sorriu. "Ok, mãe. Diz ao Billy que estarei na rua às nove."

Mary enfiou um grande pedaço de ovo na boca e disse: “E não te esqueças de que vou à casa da Carol Grace esta tarde, depois da escola. A tia Margo tem mais lições para nós.”

"Não fales de boca cheia, Mary. Liga-me quando lá chegares, ouviste? E diz à Kate que faremos algo este fim de semana."

"Sim, senhora."

"Mamã?" disse Derek.

"Sim, querido?"

"A Catherine e eu vamos para a casa da avó outra vez depois da escola?"

"Sim, rapagão, vão."

Pam acotovelou os dois pequeninos, que acabavam de comer. “Vamos, seus pirralhos! Vamos lá para fora esperar pelo autocarro.”

Mary enfiou a última garfada dos seus ovos na boca e disse: “Ei! Esperem por mim!”

"Tenham cuidado!" Phoebe chamou. "Amo-vos! Não fales de boca cheia, Mary."

Phoebe descobriu que falava para a porta da frente fechada. As crianças já haviam partido.

Uma sensação de pavor fez cócegas no fundo da sua mente enquanto ela fritava um ovo para o seu próprio pequeno-almoço. Comeu em silêncio. Quando terminou, colocou o prato na pia, pegou na sua bolsa e nas chaves e foi para o trabalho.



ENQUANTO ALAN DIRIGIA ao longo da estrada a caminho do Colégio Comunitário de Perry, passou pelo que parecia ser uma enorme obra. Equipamentos de terraplanagem, escavadoras, guindastes, camiões do lixo e homens com capacetes estavam espalhados pelo local de vinte hectares. Parecia que cavavam um enorme buraco no chão, ou já o haviam concluído. Ele não sabia dizer qual deles enquanto conduzia.

Interessante. Isto é novo. Estive aqui há apenas três dias e não havia nada além de um campo ali. Eu pergunto-me o que vai ser...

Ele fez uma nota mental para perguntar mais tarde a Billy. Talvez o xerife soubesse algo sobre isso.

Fosse o que fosse, parecia assumir uma grande pegada no campo que havia ali. E, devido às árvores ao longo da estrada, o canteiro de obras só era visível de uma pequena área ao longo da estrada, e essa área era usada como uma entrada de automóveis para entrar e sair do campo.

Enquanto Alan dirigia mais adiante, voltou novamente os seus pensamentos para os homicídios.

Precisamos apanhar este. Espero que desta vez não seja uma ameaça para nenhum de nós pessoalmente, porque não quero repetir a noite em que o Moses Turley invadiu a quinta. Não sei que poder as miúdas possuem, ou se o poder possui as meninas, mas não quero arriscar libertá-lo novamente.



CLIFF ANDERSON ABRIA o seu escritório imobiliário sempre às oito horas da manhã, e hoje não foi exceção.

Cliff possuía e operava a Imobiliária e Leilões Anderson (a MELHOR do Condado de Sardis!, gritava a placa acima da porta) e comandava uma equipa de dez pessoas. À exceção da sua secretária, mais ninguém da empresa chegaria antes das nove. Cliff gostava de passar o tempo sozinho pela manhã e gostava de lidar com os primeiros compradores de propriedades que por vezes chegavam antes das nove.

Arlene Looper, a secretária de Cliff, trabalhava para ele há quinze anos. Era muito boa no seu trabalho. Chegava um pouco antes das oito da manhã para começar a preparar o café e o dia.

Cliff ficou de olho nas pernas de Arlene. Eram umas pernas bonitas e ele sonhava um dia ter essas pernas enroladas na sua cintura. Ocasionalmente, ele dava uma olhadela aos seios de Arlene, apenas para ter a certeza de que se comportavam da maneira que os peitos de uma mulher linda se deveriam comportar, mas as pernas dela em volta da cintura dele comandavam a maior parte dos seus devaneios. Tinha sonhado com isso todos os dias desde que Arlene trabalhava para ele. Só uma coisa o impediu de perseguir esse sonho, e não era o medo de assédio sexual ou acusação de comportamento inadequado no local de trabalho.

Arlene morava em Londres, a cidade mais ao sul do condado de Sardis.

Cliff tinha um medo mortal de Londres.

Também não era nada que ele pudesse realmente apontar. Algo sobre aquela cidade oca o deixou cagado de susto. Ele podia sentir a sua respiração acelerar conforme se aproximava do pequeno município e arrepios percorriam a sua pele. Assim que ultrapassasse a placa dos limites da cidade, a sua raiva aumentaria e ele começaria a suar profusamente, um suor nervoso e fedorento. Cliff finalmente percebeu que nunca mais iria voluntariamente a Londres, não importava o que acontecesse. Quaisquer negócios imobiliários em Londres eram agora delegados a um dos seus funcionários.

A ideia de ir a Londres buscar Arlene para um encontro, ou levá-la para casa depois, não era uma ideia para entreter a cabeça de Cliff.

Se Arlene estava ciente do modo como Cliff a desejava, não deu sinal disso.

Mas...

Às vezes, quando Cliff não estava a olhar, Arlene olhava para ele. E sorria amplamente, como se se estivesse a divertir... ou a olhar para uma presa.

E então um brilho amarelado parecia passar pelas suas íris... um brilho amarelo, quase animal.

Mas, esta manhã, antes que Cliff se acomodasse na sua mesa para a observância ritual daquele dia do jeito quase furtivo de andar de Arlene, a campainha na porta da frente vibrou e um cliente apareceu.

A sua cliente era uma loira pequena e bonita, com uma leve camada de sardas na ponta do nariz.

Cliff afastou-se da cafeteira com um sorriso no rosto e atravessou o escritório até à mulher.

"Bom dia! Chamo-me Cliff Anderson. O que posso fazer por si esta manhã?"

Cliff esperava que a jovem perguntasse sobre o aluguer de apartamentos, ou talvez uma casa barata que pudesse ser alugada por algumas semanas. Nunca a tinha visto antes e, por causa disso, considerou-a uma funcionária de uma grande loja.

Quando ela lhe disse o que procurava, a curiosidade de Cliff aumentou.

"Olá. Ando à procura de uma fazenda. Deve ter um mínimo de cem hectares de pasto e uma grande quinta e celeiro. Estou a enviar gado de Carson City, Nevada, muito em breve, e preciso de um lar para eles. Vou pagar em dinheiro, se isso ajudar a acelerar o processo."

Para seu crédito, Cliff evitou que o seu queixo caísse até ao peito.



"OH, ISTO É mau," disse Alan. Tentava manter o pequeno-almoço no estômago enquanto examinava a cena do crime.

Billy acenou com a cabeça. "Já tinhas visto algo assim tão mau na cidade?"

Alan pensou por um minuto. Então assentiu com a cabeça. "Uma vez. Ajudei a limpar uma casa de fazenda que foi usada por Esteban Fernandez. Ele pegou fogo à casa, mas havia dois tipos do DEA mortos no porão. Foram esquartejados. Julgávamos que fora o Fernandez quem o fez, mas os federais apertaram o cerco. A cena era mesmo má."

Nada foi removido. Billy queria que Alan visse tudo na realidade, não em fotos. Billy pensou que ele poderia ver algo que mais ninguém tivesse visto.

Alan respirou fundo três vezes para se acalmar. Começou a estudar tudo sobre a cena. Metodicamente, ele examinou tudo antes de se mover. Quando se sentiu preparado, colocou uns chinelos de papel sobre os sapatos para não contaminar nenhuma evidência microscópica. Gradualmente, moveu-se em direção aos restos mortais da jovem. Ele estudou o posicionamento de cada órgão. Estudou a forma do coração de Valentine feito dos seus intestinos. Ele parou, estudando-o cuidadosamente. Voltou-se para Billy.

"Não há falhas nos intestinos. Reparaste?"

Billy abanou a cabeça. "Não."

"Vê."

Alan apontou para a parte dos intestinos. "Foi aqui que o intestino foi desconectado do estômago." Ele apontou para a parte do intestino que estava ao lado da primeira parte. "E esta é a parte que foi separada do intestino." Ele olhou para o M. L. "Certo?"

O médico legista assentiu.

"Então, não houve rutura. Sem separação. Nem deturpação."

Billy estava confuso. "E daí?"

Alan olhou para ele. “Significa que quem fez isto tirou os intestinos aos poucos e fez o coração enquanto avançavam. Os intestinos não estavam emaranhados nem foram rasgados ou cortados. Isto requer muita concentração ou muita sorte. E foi preciso tempo. As duas metades do coração são idênticas. Não são desiguais. Isto seria muito difícil de fazer tendo em conta esses factos.”

"O que achas do padrão dos órgãos?"

Alan estudou-os por algum tempo. Ele balançou a cabeça.

"Não faço a mínima ideia, Billy."

"Ok, quem diabos decidiu não me avisar sobre um maldito caso de homicídio?" Rugiu uma voz da porta.

Billy e Alan viraram-se para olhar para o recém-chegado.

Era Godfrey Malcolm, o chefe da polícia de Perry.

Billy estendeu a mão. “Para aí, seu idiota! Se entrares aqui, põe umas botinhas de papel!”

“Para quê?” Berrou Malcolm.

“Para não contaminares a cena do crime! Como conseguiste o emprego, afinal? Chupando alguns membros da Câmara Municipal?”

Malcolm olhou para o xerife, mas ele não disse nada. Os seus olhos estavam bastante raiados e o nariz num vermelho brilhante de tanto beber.

Finalmente, Malcolm encostou-se à ombreira da porta, bêbado, mal conseguindo manter o equilíbrio enquanto calçava um par de pantufas de papel e entrava na sala de aula.

Quando o chefe da polícia viu o que aconteceu, vomitou no chão.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.